



Escravidão indígena no Vale do Paraíba (século XVII): o sertão é o “Norte” dos paulistas, criando e recriando caminhos.

Regina Kátia Rico Santos de Mendonça*

Resumo: O presente artigo pretende refletir e apreender as razões políticas, econômicas e sociais, que fizeram do indígena presença mais que necessária no Planalto de Piratininga no século XVII. As “guerras justas”, resgates e as armações paulistas, forneceram para esta região um número elevado de cativos indígenas. As dificuldades encontradas com os aldeamentos jesuíticos, os custos elevados no montar uma “grande armação” favoreceu a necessidade de repensar o projeto das incursões sertanejas. Com o passar do tempo, entre conflitos e tensões, os Guaranis localizavam-se em áreas cada vez mais distante. As tribos Guaianás e Guarulhos que viviam próximas à São Paulo, apesar de fornecerem mão de obra para a região, não eram suficientemente numerosas, muitos resistiram à submissão do europeu. A expansão econômica paulista requeria um número cada vez maior de cativos indígenas. Sem capital e sem maior acesso a créditos, os paulistas reconheciam a impossibilidade de importar escravos africanos em número considerável para suas lavouras. A Serra do Mar foi outro obstáculo encontrado, o transporte das mercadorias para o litoral era difícil e caro, optou-se então em seguir o caminho para o Norte (Vale do Paraíba), criar e recriar caminhos para o sertão, lá encontrariam mão de obra, minérios e a saída para sua pobreza.

Palavras-chave: Brasil Colonial. Bandeiras Paulistas de Apresamento. Escravidão Indígena.

Abstract: This article intends to reflect and apprehend about politics, economics and social reasons that made that the Indians presence be completely essential in the Planalto do Piratininga in the XVII century. The “fair wars”, rescues and paulistas troops, provided a large number of captivated Indians. The difficulties found were with Jesuits’ settlements, the high costs to frame “the big troops” favored the need to rethink on projects for sertanejas incursions. Along the time, between confronts and tensions, the Guaranis were localized in areas more distant. The Guaianás and Guarulhos tribes next São Paulo, despite of proving workers for the region, they were not in enough number, and many of the Indians resist the submissions from Europeans. The paulista economic expansion required more captivated Indians. But without

* Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo, membro efetiva do Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV). Endereço Eletrônico: katiarico@usp.br, katiarico@ig.com.br.



capital and no credits, paulistas recognized the impossibilities to import african slaves in number enough for their farms. The Serra do Mar was one obstacle found to transport the products by the coast, because were hard and expensive, so, in order to keep going to the North (Vale do Paraíba), was created and recreated ways to sertão, there, they would find workers, ores and a solution for poverty.

Keywords: Colonial Brazil. Paulistas flags of arrest. Slavery Indian.

O sertão é o “Norte” dos paulistas. Na Ata da Câmara do dia 7 de janeiro de 1640, o Procurador do Conselho junto aos vereadores da vila de São Paulo decidem requerer ao Ouvidor Geral dizendo que “devasa nesta villa sobre os moradores dela que forão ao sertão a deser gentio e porquanto ate o presente estava em huzo e costume irse ao sertão por os moradores não poderem viver sem o sertão”[grifo nosso].¹ Para que as incursões tivessem sucesso, o braço indígena era primordial, ele representava o número, a habilidade, a agudeza, a orientação, o segredo. Era ágil, sadio quando em liberdade, descobria recursos para a sobrevivência, conhecia os caminhos e esconderijos de outros índios considerados seus contrários. Caçava-se assim o índio com o próprio índio.²

Sérgio Buarque de Holanda destaca que os adventícios [colonos paulistas]habituarão-se às soluções e muitas vezes aos recursos materiais dos primitivos moradores da terra. Para o sertanista branco ou mameluco³ o incipiente sistema de viação que aqui encontrou foi um auxiliar tão prestimoso e necessário quanto fora para o indígena. Revelam suas afinidades com o gentio da terra, mestre colaborador inigualável das entradas, sabiam os paulistas como transpor pelas passagens mais convenientes as matas espessas ou as montanhas aprumadas e como escolher sítio para fazer pouso e plantar mantimentos.⁴

Com a necessidade de expandir seu comércio entre as vilas e povoados os paulistas optaram por cativos *Guaranis*, depois *Guarulhos e Guaianás* que eram tribos que viviam em proximidade à região da vila de São Paulo. Diante de tensões e conflitos entre os colonos paulistas e jesuítas, fugas em grande parte de indígenas, encarecimento das grandes armações,

¹Ata da Câmara de São Paulo,1640,p.8 e 9.

²Theodoro Sampaio, São Paulo de Piratininga no fim do século XVI, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*,v.4, p. 268, 1899. Vera Lúcia Amaral Ferlini, chama a atenção quanto a figura do capitão-do-mato, na caça aos escravos negros [sejam africanos ou indígenas] fugidos das fazendas. Os escravos negros africanos viam no índio [aliado do europeu] um inimigo. Os indígenas cristãos dos aldeamentos, passam a ser um agente dos conquistadores. *A civilização do açúcar. Séculos XVI a XVII*, p.57.

³Capistrano de Abreu, comenta que os jesuítas chamavam à gente de São Paulo *mamelucos*, isto é, filhos de cunhas indígenas. *Capítulos de História Colonial*, p.100.

⁴Sergio Buarque de Holanda, *Caminhos e fronteiras*, p.19.



dificuldades com os aldeamentos jesuíticos e preço elevado da mão de obra escrava africana, foi preciso repensar o projeto das incursões para o sertão. A serra do Mar foi outro obstáculo encontrado, o transporte das mercadorias para o litoral era difícil e caro.



Mapa 1 - Esquema geral das expedições de apresamento (1550-1720)

FONTE: John M. Monteiro, *Negros da terra*, p.13

Como mostra o Mapa 1, as expedições de apresamento de outros grupos pós 1640 se intensificaram sobretudo na região do Vale do Paraíba, onde o acesso ao rio do mesmo nome facilitou a locomoção para as regiões mais longínquas. A nova organização de apresamento em pequenas expedições, formação de roças, pedidos de sesmarias garantiu a conquista do



sertão. Com a falta de cativos *Guarani*, essas expedições paulistas passaram a introduzir outros grupos indígenas como *Guaianás*, *Guarulhos*, *Puris*, *Coroados*, *Carijós*, *Tabajaras*, *Cataguás* [que falavam Tupi e Jé] entre outros que encontrassem como solução para a crise de mão de obra que estavam vivenciando naquele momento. Esta busca não foi de forma pacífica e teve como consequência o extermínio e a escravidão de nações indígenas consideradas inimigas pelos colonos paulistas e seus aliados indígenas conhecidas como *Tapuias*.⁵

Necessário se faz ressaltar que os paulistas não vendiam para a região Nordeste açucareira a maior parte do gentio apresado, como a historiografia tradicional retrata, mas segundo pesquisas realizadas por John Monteiro e Ilana Blaj, estes se preocupavam em aprofundar o dinamismo interno da vila paulistana e seus arredores. A historiografia mais recente discute o processo de expansão econômica e de mercantilização da região. Para John Monteiro, os altos custos do transporte para a região nordestina, as poucas possibilidades de sobrevivência e as restrições legais a escravização indígena tornavam o tráfico uma proposição econômica pouco interessante. Além do mais, os portugueses da Bahia organizaram expedições de apresamento semelhantes as de São Paulo. Ao que parece, durante o século XVII parte significativa de mão de obra indígena recrutada para a lavoura canavieira provinha do Maranhão.⁶

Todo este processo de cativar indígenas de nações diferentes e provavelmente inimigas forçou uma nova relação social entre estes nativos, embora a maioria da mão de obra fosse Guarani, agora teriam que conviver e compartilhar os tijupares com outros grupos de etnias diferentes. Essa nova situação teve consequências graves para as fazendas paulistas, rebeliões e fugas aumentaram consideravelmente a partir de 1650, não aceitam a submissão e fogem para o sertão. O Vale do Paraíba foi uma das regiões que favoreceu a vinda de indígenas fugidos, apesar desta região já possuir aldeias de várias nações como Guaianás, Tamoios, Puris Coroados entre outros.

Mas naquele momento o apresamento de indígenas para abastecer fazendas e conventos não era somente a preocupação dos colonos da vila de São Paulo de Piratininga, as

⁵ Para John Monteiro a polaridade Tupi/Tapuia sustentou todo o debate historiográfico em São Paulo, do fim do século XIX início do XX, sobre a identidade dos Guaianá. A imagem idealizada dos antigos povoadores de São Paulo, e portanto os ascendentes dos paulistas, era confrontada com as dos modernos Kaingang. Assim, os Guaianá eram tidos por Tapuia, “uma raça indígena desprezada pela ciência moderna e pelos defensores do progresso”, o que causava escândalo e protesto dos defensores de um Tibiriçá Tupi. Tupi, Tapuias e a história de São Paulo, *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, 34;125-135, novembro de 1992.

⁶John M. Monteiro, *Negros da Terra. Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*, p.78



rotas de comércio deveriam ser melhoradas para facilitar não só a organização das armações para o sertão como para ampliar o comércio com as demais vilas e áreas litorâneas. Este desenvolvimento mercantil fez com que São Paulo assumisse uma posição hegemônica sobre os demais núcleos, fortalecendo-se em relação as outras vilas e povoados locais.

Criar e recriar caminhos para o sertão

Os estudos sobre os caminhos ligando à vila de São Paulo ao sertão no período seiscentista fora por muito tempo desconhecidos, a Coroa Portuguesa proibia a divulgação desses caminhos, local onde existiam minas de ouro, prata e pedras preciosas. Na medida em que surgiram as primeiras minas de ouro na região dos Cataguás em fins do século XVII e início do XVIII, o governo português intensificou a fiscalização para evitar o desvio de ouro e pedras preciosas pelos “descaminhos”, mesmo assim o contrabando continuou lesando o pagamento do quinto de imposto.



Mapa 2 - Caminho novo ou do Couto, aberto por Garcia Rodrigues, entre o Rio de Janeiro e Vila Rica.

O documento com 52,5 x 64 cm e esboçado por bandeirante anônimo, traz o itinerário do **Caminho Novo ou do Couto**, aberto por Garcia Rodrigues, entre o Rio de Janeiro e Vila Rica. Encontram-se representados trechos das serras do Mar e Mantiqueira e as vilas de São João Del Rei e Vila Rica. Transposto o trecho representado da serra do Mar, aparecem os povoados de Inácio da Costa, Manga Larga, Alferes, Pão Grande e Rosinha. Atravessando o rio Paraíba do Sul, seguem os povoados de Simão Pereira,(...), José de Souza, Juiz de Fora, Alcaide-Mor, Moreira Queiroz,(...), Risioto, Gema, Caranday, Camapuan, Paraopeba, Mulatos,(...), Macabelo, Ouro Branco e a serra de Titiaya. Vila Rica e outros povoados vem representados mais à *NORTE*, assim como os rios que fazem parte da Bacia do Doce. O morro de Chagas, os povoados de Noruega, Piranga e Itaberaba, aparecem à *OESTE*. Lagoa Dourada [traço a lápis] e São João Del Rei encontram-se representados à



LESTE, assim como os rios das Mortes e Grande. À *OESTE* encontra-se parte da região das nascentes do rio São Francisco.

FONTE: *Os caminhos do ouro e a estrada real*/Antonio Gilberto Costa (org.) Belo Horizonte: Editora UFMG; Lisboa: Kapa Editorial,2005, p.58

Miriam Ellis, em seus estudos, comenta que a vila de São Paulo de Piratininga fora um centro de entroncamento de passagens naturais. [Observadas pelos jesuítas e pelos colonos vicentinos com relação às vantagens da posição geográfica do local, incluindo os rios Tietê, Paraná e região do Prata]. Para ela, três grandes passagens partem de São Paulo, seguindo as linhas do relevo que condicionam as diretrizes da expansão paulista:

1. *A passagem rumo Nordeste* pelo Vale do Paraíba, rota das expedições para Minas Gerais, para o rio São Francisco, para o Norte e Nordeste do Brasil;
2. *A passagem para o Norte* por Campinas e Moji Mirim em direção a Minas Gerais e Goiás;
3. *A passagem em direção ao Sul e Sudoeste* via Sorocaba e Itapetininga visando as regiões meridionais.⁷

Acrescento com grande importância o *Caminho do Mar*(São Paulo – Santos) que favorecia o comércio de gêneros alimentícios, de gado e de artigos importados. Existe uma preocupação em manter esses caminhos onde encontra-se em várias Atas da Câmara da Vila de São Paulo, como segue :

Proveo mais o dito ouvidor geral que logo e com efeito se fixassem quartéis pèra que os moradores fação o caminho do mar com pena de quatro mil réis aplicados pèra o conselho e cativos aos quaes se executarão logo por seus bens tanto que constar que foram rebeldes e não obedeserão e que daqui em diante com muito cuidado se faça todos os anos o dito caminho pontes e caminhos e serventias desta villa sob a mesma pena que se executara e os officiaes da câmara assim madaram dar a execuzam sob pena de as pagarem de sua caza.⁸

Com o passar do tempo e a crescente mercantilização da vila, houve a necessidade de melhorar os caminhos para outras regiões da Capitania de São Vicente.

(...) e logo por elles [vereadores e juiz] foi dito ao procurador do conselho simão róis coelho que se tivesse que requerer o fizesse e logo pelo dito procurador foi requerido aos ditos ofisiais que se mandasse passar quartel pèra que fizessem os caminhos dos bairros de comum e pontes.⁹

⁷Miriam Ellis. As bandeiras na expansão geográfica do Brasil. In: Sergio Buarque de Holanda, *História Geral da Civilização Brasileira*, p. 276 e seg. Também a respeito destes caminhos ver Caio Prado Jr. O fator geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de São Paulo. In: *Evolução Política do Brasil e outros estudos*,1975.

⁸Ata da Câmara de São Paulo, 21/11/1646, p.278

⁹Ata da Câmara de São Paulo, 09/02/1647, p.293



O escoamento da produção, o apresamento indígena e sua comercialização entre os colonos vicentinos, o comércio e as articulações com outras vilas e a área litorânea, favoreceu a busca pelos metais preciosos e ao mesmo tempo manteve suas fazendas e sítios em produção. Assim criam e recriam caminhos.

A conservação das rotas de comércio nas décadas do século XVII era muito importante para uma forte ligação com o sertão. Eram essas pontes, caminhos e aterrados que facilitavam tanto o acesso quanto as saídas da vila de São Paulo, permitindo uma melhor articulação com os bairros e demais núcleos de povoamento, elemento importante para o desenvolvimento do comércio paulistano. A vila de São Paulo deixa de ser isolada e passa ser um entroncamento de várias vias, ligando em especial o sertão do Vale do Paraíba que se liga com a região mineradora e o Rio de Janeiro (via Parati).

A Coroa Portuguesa incentivou os colonos nas entradas para o sertão com objetivo de encontrar minas de ouro, mas ao retornar muitas destas expedições voltavam com cativos indígenas sem nenhuma riqueza mineral. Como relata um fato da Câmara Municipal de São Paulo em 16 de fevereiro de 1647:

(...) foi requerido aos ditos oficiais que mandassem passar precatórios para as câmeras das capitanias debaixo para que não deixem sair para nenhuma pessoa o sertão nem lhe dessem mantimentos nem favor nem ajuda porquanto vão a buscar o gentio e não ao descobrimento da prata.¹⁰

Vários colonos que participaram das expedições para o sertão acreditavam em enriquecer rapidamente, mas muitos aproveitaram a oportunidade para expandir suas posses de cativos indígenas.

Muitos destes caminhos e trilhas provavelmente foram criados pelos indígenas e essas rotas foram aos poucos sendo passadas para os armadores e sertanistas de São Paulo. Orville Derby analisa um caminho percorrido pela entrada de André de Leão em 1601 (que durou nove meses). O itinerário desta expedição foi revelado na *História Naturalis Brasiliae*, de Piso e Marcgraf, publicada em 1648, que inseriu um relato do holandês Willem Jost Ten Glimmer que dela participou como mineiro prático. Provavelmente este caminho também foi utilizado por Fernão Dias Paes em 1674 e outros sertanistas.¹¹ Esta expedição para o sertão, utilizou o

¹⁰Ata da Câmara de São Paulo, 1640-1652,p.294

¹¹ Orville A. Derby. Primeiras Bandeiras Paulistas. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, v.4, p. 329-350,1899. Ver também João Antonio (Antonil) Andreoni. Roteiro do caminho da vila de São Paulo para as minas gerais e para o rio das Velhas em *Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas (1711)* 2 ed. São Paulo, Ed.Nacional,1966.p.181-186 e Capistrano de Abreu, *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*, Civilização Brasileira, 1975. Ver texto em holandês em Willem Piso, *História naturalis brasilliae...*Lugdun



Era importante o “Caminho do Norte”, ou “para o Norte”. Este “Caminho Velho”, “Trilha dos Índios”, serviu para outras expedições ligando a região de São Paulo – Vale do Paraíba – Sertão dos Cataguás (região mineradora) . Dentro da questão da reorganização do apresamento indígena, surgiram pontos de passagem e parada forçada, como postos de abastecimentos para as armações em direção à região mineradora. Estes locais transformaram os sertões de Taubaté e os sertões dos Cataguás em futuros povoados e vilas, unidades produtivas que fortaleceram a mercantilização com acidade de São Paulo. Desde os primeiros anos do século XVII foi este caminho o mais frequentado pelos paulistas, até o aparecimento do “Caminho Novo de Garcia Rodrigues” via Rio de Janeiro (Parati), como mostra o Mapa 2.

Considerando que o Vale do Paraíba desde 1624, estava integrado na Capitania de Itanhaém, encontra-se também quanto à sua localização a justificativa adequada para designá-lo “do Norte”. Com relação ao “Caminho Novo de Garcia Rodrigues”, podemos relacionar como um reflexo da mercantilização através da concessão de monopólio da venda de produtos necessários para abastecer uma armação em troca da abertura de caminhos mais rápidos e seguros para as regiões mineradoras. Garcia Rodrigues Pais, filho de Fernão Dias Pais, comprometeu-se a construir o “Caminho Novo” para as minas e obteve do governador Artur de Sá e Menezes, a monopolização mercantil do dito caminho por dois anos, a contar de junho de 1700. Em 1702, obteve o cargo de guarda-mor das minas.¹² O interesse da Coroa Portuguesa neste novo caminho era grande, o principal motivo era evitar os “descaminhos” do ouro e do quinto real. Garcia Rodrigues sai favorecido quando recebe sesmarias nas rotas do dito caminho, ali estabeleceu roçados de mantimentos e vendas (ver mapa 2). Antonil descreve em seus roteiros para as minas, tanto saindo de São Paulo como do Rio de Janeiro, que todos os caminhos davam nas roças de Garcia Rodrigues e suas vendas.¹³

O “Caminho Novo” foi concluído em 1725, por Bernardo Soares de Proença, onde D.João V recusa a concessão de novas sesmarias naquela rota a Garcia Rodrigues, alegando justamente que ele não cumprira o prometido.¹⁴

Novos e velhos caminhos entrecruzavam-se na região paulista, articulando gêneros alimentícios, gados, mercadorias importadas, abastecendo tanto a região do Planalto como os

12 Ver Pedro Taques de Almeida Paes Leme, *Informação sobre as minas de São Paulo*, p.150-151.

13 Ver João Antonio Andreoni (Antonil). *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, p.184-186.

14 Provisão-régia ordenando ao governador do Rio de Janeiro que agradecesse ao sargento-mor Bernardo Soares de Proença o ter aberto o caminho novo das minas à própria custa, em Basílio de Magalhães, *Expansão geográfica do Brasil colonial*, p.326-7.



territórios auríferos das Minas Gerais e de Cuiabá. Com a expansão da teia mercantil paulistana, os arrendamentos dos contratos e dos direitos de passagem tornaram-se cada vez mais rentáveis, sendo monopolizados nas mãos da elite local.¹⁵

A criação de uma força de trabalho no sertão : “a cura para sua pobreza”

Em direção ao sertão, os paulistas começam a organizar pequenas expedições [armações na linguagem da época], cujo objetivo era atender à demanda específica por mão de obra. Ao contrário das grandes bandeiras, estas novas expedições serviam sobretudo para a reprodução das próprias unidades de produção. Embarcando em viagens para o interior, muitos jovens redigiram ou ditaram seus testamentos manifestando a necessidade de penetrar no sertão para “buscar remédio para minha pobreza”. Durante o século XVII, “a cura”, “o remédio” que era tão procurado foi o cativo indígena. O jovem colono dependia dessas “peças” para iniciar suas atividades produtivas, bem como ter uma fonte de renda. No contexto econômico de São Paulo seiscentista, um jovem colono para se sobressair dependia de um dote vantajoso, do recebimento de uma boa herança ou até participar de uma rentável expedição de apresamento. Para a maioria dos colonos que buscavam estabelecer-se na sociedade local, a opção do apresamento representava a maneira mais oportuna de constituir uma base produtiva de alguma envergadura.¹⁶

Geralmente, os jovens que partiam em busca de cativos recebiam ajuda de custo de seus pais ou sogros que investiam pequenas somas de capital e alguns índios nas expedições, com o interesse em expandir suas próprias posses. Os armadores que forneciam dinheiro, equipamentos e índios, assumiam todo o risco da viagem em troca da perspectiva de ganhar metade dos cativos presos. A armação era um empreendimento familiar. Esses acordos entre pais e filhos geralmente eram fechados verbalmente. Nessas expedições, participavam um ou mais sertanistas experientes que conduziam vários jovens colonos em sua primeira viagem ao sertão.

Declaro que tenho uma armação com Antonio da Costa no sertão que lhe dei dois negros e uma corrente de quatro braças e meia como dez colares e uma canoa e uma arroba de chumbo com sua pólvora e tudo mais necessário para partirmos entre ambos pelo meio o que Deus der de que tenho papel em meu poder.¹⁷

15 Ilana Blaj, *A trama das tensões*, p.276

16 John Monteiro, *Negros da Terra*, p.86

17 Testamento de Antonio de Oliveira Cordeiro, Jundiá, 1711, Arquivo do Estado de São Paulo-Inventários não publicados, cx.24.



Com relação à vila de São Francisco das Chagas de Taubaté, temos o testamento de Domingos Gomes da Costa que patrocinou a armação de seus filhos para o sertão acreditando ser este o “remédio” para a cura de seus problemas.

Declaro q’ tenho dous filhos no sertam Manoel de Goys e Gabriel de Góis por minha conta, easim trazendo os.... salvamento com remédio entrará tudo no montemor para se fazer partilhas entre todos os meus erderos, e conforme as pessas que trouxerem de cada duzia lhe dará três de seu trabalho.¹⁸

Na segunda metade do século XVII, vários contratos entre as partes aconteceram, pois as expedições também recebiam apoio material de outras fontes. Os melhores exemplos de tais acordos provêm dos documentos da *Ordem dos Carmelitas*, pois, em diversas ocasiões, os religiosos do convento forneceram índios, provisões e até dinheiro a sertanistas que cativassem escravos indígenas.

Aos 28 dias do mez de dezembro de 1648, n’este convento de Nossa Senhora do Carmo da villa de São Paulo, juntos todos os religiosos em capítulo, propôz o reverendo padre-prior d’elle, frei Ângelo dos Martyres, que, vista a limitação dos bens deste convento, e que o remédio d’elle depende do serviço dos índios, dos quaes o convento vai tendo grande falta, o que, visto lhe parecia que convinha mandar alguns moços ao sertão arrimados a um homem branco, pagando-se-lhes tosos os gastos e aviamentos necessários. E logo todos os religiosos *una voce* responderam que era da melhor conveniência para bens do convento. Em fé do que se fez este termo, que todos assignaram -- Fr. Angelo dos Martyres, prior, Fr. Balthazar do Rosário, Fr. Joao das Chagas, Fr. Manoel de Santa Catharina, Fr. Domingos da Luz, Fr. Manoel de Sant’ Anna, Fr. Christovão de Jesus, Fr. Antonio da Cruz.¹⁹

No ano de 1650 houve outras incursões patrocinadas pelos religiosos da Ordem Carmelita, outro contrato interessante data do ano de 1662 , onde os Carmelitas determinaram que “por falta de gente que tinham as fazendas, nos importava mandar ao sertão 8 moços em companhia do capitão José Ortiz de Camargo, para que com o favor de Nossa Senhora pudessem trazer alguma gente, pois sem ella se acabariam totalmente, não só as fazendas, mas o convento, escolhemos 4 moços da fazenda de São Pedro e 4 da fazenda de Embiacica, e os enviamos para com o dito capitão José Ortiz de Camargo”²⁰

A religiosidade dos sertanistas, a preocupação com a doutrinação e batismo dos novos cativos indígenas, a dificuldade em entender o idioma de outras nações indígenas levou a solicitar a presença de um religioso nas incursões:

18 Testamento de Domingos Gomes da Costa, 1671, Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico Taubaté, cx. 1, doc. 39

19 Arquivo do convento do Carmo de São Paulo, maço que tem por título – Decisões do convento. In: Manuel Eufrásio de Azevedo Marques. *Apontamentos*, p. 341

20 *Ibidem*, p. 342



Querendo nós Jeronymo de Camargo, Antonio Bueno e Salvador de Oliveira e os mais companheiros que n'esta jornada, que intentamos fazer viagem para o sertão como foi costume, e é dos moradores da villa de São Paulo, e os mais a ella aggregados, como filhos da igreja, querendo nos fazer jornada para melhor conseguirmos nosso intento como tementes à Deus, concordamos todos que para effeito de nosso intento nos pareceu que a não faríamos como desejamos senão levando em nossa companhia um sacerdote para nos administrar os sacramentos necessários para salvação de nossas almas [grifonosso], e pedimos por isso ao padre frei Francisco da Conceição, prior do convento de Nossa Senhora do Carmo, se tinha alguns religiosos sacerdotes para mandar em nossa companhia, o qual nos respondeu que, além dos que desejavam se sacrificar no serviço da reducção das almas, tinha o padre frei João de Christo, religioso professo, sacerdote approvedo, que com boa vontade se offerecia para fazer este serviço a Deus e à religião, e que faria disto por commissão que tinha de seu muito reverendo padre frei Alberto do Espírito-Santo, provincial de sua ordem.

O que visto por nós adiante nomeados e assignados promettemos e nos obrigamos que das primeiras cem *peças* que Nosso Senhor for servido darnos, daremos ao dito padre frei João de Christo a metade, e das outras que mais se adquirirem faremos com elle partilha como aos mais soldados da *bandeira*. [grifo nosso]. E para darmos satisfação a isto assignamos hoje três de maio de 1685. – Fr. Francisco da Conceição, prior.—Jeronymo de Camargo – Antonio Bueno – Salvador de Oliveira.²¹

Nas pesquisas que realizei, interessante notar que no início da formação da Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté, no Vale do Paraíba, participou junto ao capitão Jacques Félix o frei Antonio da Cruz pertencente à Ordem de Nossa Senhora do Carmo. Na vila foi construído uma pequena casa para os religiosos, conhecido por “Convento Velho”, assim chamado após construção do Convento Franciscano em 1674. Este Convento Velho “tinha sido erigido sob a invocação de Santo Antonio, estava localizado numa elevação do caminho existente onde hoje está a Rua Rebouças de Carvalho, entre as ruas posteriormente denominadas de São José, conhecida por beco do pelourinho, e de São João, hoje Coronel Marcondes de Matos, próximo à atual capela de Sant’Ana. Foi responsável pelo Convento Velho o frei Antonio da Cruz e frei Jorge de Jesus Moreira”.²² Entendemos que muitos indígenas presos pelas armações de Taubaté foram divididos entre os religiosos Carmelitas, que não ficaram por muito tempo na região voltando para seus conventos com parte dos cativos presos.

²¹ Ibidem, p.342.

²² Gentil de Assis Moura, O capitão Jacques Félix – Separata da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de São Paulo*, n.20,1915. Ver também Felix Guisard Filho, *Jacques Félix*, 1938,p.23. E José Bernardo Ortiz, *São Francisco das Chagas de Taubaté – Taubaté Colonial*, livro 2, 1996,p.33.



Além dos colonos e padres, a participação de índios cristãos nessas expedições foram importantes, naturalmente conheciam “os caminhos do sertão” e suas dificuldades. Nas armações mais curtas, os sertanistas alimentavam-se da caça e da coleta de frutas e mel. Quanto mais longas estas viagens, mais eram estabelecidos pequenos arraiais ou roças situados em pontos estratégicos, de forma que pudessem abastecer toda a expedição. Provavelmente, alguns desses arraiais foram os embriões das futuras vilas e povoados direcionados para a região das Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

O abastecimento de roças no caminho do sertão representava uma inovação na organização do apresamento e também na prospecção de minérios e diamantes, por isso não compensava investir em grandes e longas incursões pois o custo e o tempo envolvidos nas armações passaram a ser melhor calculados, com isso ficando as grandes incursões para os sertanistas mais abastados.

Considerações Finais:

A necessidade de expandir o comércio entre as vilas e povoados paulistas favoreceu o aumento pela busca de mão de obra indígena, pois os negros africanos eram caros e os paulistas não tinham condições de adquiri-los. As grandes armações paulistas já não traziam benefícios e sim prejuízos financeiros devido à dificuldade em montar uma expedição que encarecia em todos os sentidos. A nova organização de apresamento em pequenas expedições, formação de roças pelos caminhos, pedidos de sesmarias garantem a fixação nos sertões em especial à região do Vale do Paraíba. No caminho para o “Norte”, sertões do Vale do Paraíba, encontram-se além de cativos indígenas para suas fazendas e conventos, local apropriado para fixarem suas armações, investindo no fortalecimento de pequenas unidades produtivas que serviam de local para abastecimento de outras armações que por ali passassem. Dentro desta estratégia, surgem novos povoados e vilas ligando à região de São Paulo – Vale do Paraíba – Sul de Minas Gerais – Rio de Janeiro (via Parati). Estas expedições paulistas não foram de forma pacífica, tendo como consequência o extermínio e a escravidão de nações indígenas via resgate e descimentos. Normalmente, buscava-se cativos Guaranis, mas devido às fugas nas fazendas paulistas e a não aceitação em serem subjugados, houve a necessidade de buscar outros nativos e esta nova relação social entre tribos inimigas convivendo e compartilhando os tijupares nas fazendas paulistas, gerou rebeliões, conflitos e fugas, dificultando assim a administração sobre a mão de obra cativa.



Mas naquele momento a preocupação maior dos colonos da vila de São Paulo era com as rotas de comércio que deveriam ser melhoradas não só para facilitar a organização das armações para o sertão como para ampliar o comércio com as demais vilas e áreas litorâneas. Todo este processo mercantil colocou a região Planaltina numa posição hegemônica, fortalecendo a relação com outras vilas e povoados locais.

O escoamento da produção, o apresamento indígena, bem como a comercialização entre os colonos paulistas, favoreceu a busca pelos metais preciosos e ao mesmo tempo manteve suas fazendas e sítios em plena atividade. A conservação das rotas de comércio passam a ser prioritárias porque ligavam a região Planaltina ao Sertão. A vila de São Paulo deixa de ser isolada e passa ser um entroncamento de várias vias ligando os sertões do Vale do Paraíba com a região mineradora e o Rio de Janeiro (via Parati). Havia o interesse da Coroa Portuguesa em evitar os “descaminhos” do ouro e do quinto real. Esta atitude favorece a monopolização do comércio pelas elites locais.

Os novos caminhos e a manutenção dos antigos passam a facilitar a exploração e a conquista dos sertões, sobretudo na região do Vale do Paraíba. O comércio se expande e a vila de São Paulo cresce com ele. O Vale do Paraíba se transforma no local mais desejado pelos colonos paulistas após o surgimento do ouro na região das Minas Gerais, a preocupação com as rotas de comércio aumentaram, assim, o Vale deixa de ser sertão o se transformam um corredor natural de grande circulação de pessoas de todos os lugares, pois este foi o “Norte” dos paulistas e a solução para seus problemas.

Fontes e Referências Bibliográficas:

Manuscritas

Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico de Taubaté (DMPAH)

Inventários e Testamentos Seiscentistas

Acervo Dr. Félix Guisar Filho – século XVII

Caixa 1 – 1649 - 1677 (Doc. 1-58)

Caixa 2 – 1678 – 1689 (Doc.1-46)

Caixa 3 – 1691 – 1699 (doc.1-33)

São 76 Testamentos e 126 Inventários *post-mortem* da Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté do século XVII.



Impressas

ATAS DA CÂMARA da Villa de São Paulo 1640-1652, volume V, São Paulo, Typographia Piratininga, 1915

ANDREONI, João Antonio (Antonil). *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e Minas* (1711). 2ed. São Paulo. Editora Nacional, 1966.

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. *História da Capitania de São Vicente* (1714-1777). São Paulo, Melhoramentos, 1914

Dicionários

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*, 3ª edição ampl. e atualizada, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.

FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. *Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil*. São Paulo, Comissão do V Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo. *Apontamentos da Província de São Paulo, tomo I*, São Paulo, Livraria Martins editora, 1952 (Coleção Biblioteca Histórica Paulista)

MONTEIRO, John M. (org.) *Guia de fontes para a História Indígena e do Indigenismo*. São Paulo, NHII – USP/FAPESP, 1994.

Livros e Teses

ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de História Colonial (1500-1800)**, 6 ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1976.

_____. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*, 2 ed., Rio de Janeiro: Briguiet, 1960.

ABREU, Maria Morgado de. **Taubaté, de núcleo irradiador de bandeirismo a centro industrial e universitário do Vale do Paraíba**. Aparecida-SP, Editora Santuário, 1985.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O tratado dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul, século XVI e XVII**. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

ALVES, Mauricio Martins. **Caminhos da pobreza: a manutenção da diferença em Taubaté (1680-1729)**. Taubaté, 1988 (Coleção Taubateana 19)

BLAJ, Ilana. **A trama das tensões: o processo de mercantilização de São Paulo Colonial (1681-1721)**. São Paulo. Humanitas, 2002.

BRUNO, Ernani Silva. **Viagem ao país dos paulistas. Ensaio sobre a ocupação da área vicentina e a formação de sua economia e de sua sociedade nos tempos coloniais**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

COSTA, Antonio Gilberto (org.). **Cartografia da conquista do território das minas**. Belo Horizonte, Ed. UFMG; Lisboa, Kapa Editorial, 2004.

_____. **Os Caminhos do Ouro e a Estrada Real**. Belo Horizonte, Ed. UFMG; Lisboa, Kapa Editorial, 2005.

DERBY, Orville A. Primeiras Bandeiras Paulistas. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, v.4. p.329-350. 1899.

ELLIS, Miriam. As bandeiras na expansão geográfica do Brasil. In: HOLLANDA, Sergio Buarque de. **História Geral da Civilização Brasileira**, op.cit., p.273-296.



- FERLINI, Vera Lucia Amaral. **Terra, trabalho e poder. O mundo dos engenhos no nordeste colonial.** São Paulo, Brasiliense, 1988.
- GLEZER, Raquel. **Chão de terra e outros ensaios sobre São Paulo.** São Paulo : Alameda, 2007.
- GUISARD FILHO, Félix. **Jacques Félix: chegadas à história de Taubaté.** São Paulo. Athena Editora, 1938
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de (org.). **História Geral da Civilização Brasileira.** São Paulo, Difel, 1968.
- _____. **Caminhos e fronteiras.** Rio de Janeiro : José Olympio, 1956.
- MAGALHÃES, Basílio de. **Expansão geográfica do Brasil colonial.** 4ª ed., São Paulo, Ed. Nacional, Brasília: INL, 1978.
- MARTINS, Gilberto. **Taubaté nos seus primeiros tempos (aspectos de sua história colonial).** Taubaté, EGETAL Empresa Gráfica Editora Taubaté Ltda, 1973
- MENDONÇA, Regina Kátia Rico S. de. **Escravidão indígena no Brasil: Vale do Paraíba Paulista, século XVII.** Monografia de Conclusão de Curso. Universidade de Taubaté, 1998
- _____. **Escravidão indígena no Vale do Paraíba: exploração e conquista dos sertões da Capitania de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém, século XVII.** Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2009.
- MONTEIRO, John M. **Negros da Terra. Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo.** Companhia das Letras, 1994.
- _____. Tupis, Tapuias e a história de São Paulo, **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, 34; 125-135, novembro de 1992.
- MOURA, Gentil de Assis. O capitão Jacques Félix. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de São Paulo**, n.20, 1915
- ORTIZ, José Bernardo. **São Francisco das Chagas de Taubaté. Taubaté Colonial.** Livro 2. Taubaté, Prefeitura Municipal de Taubaté. 1996 (Coleção Taubateana n.10)
- PETRONE, Pasquale. **Aldeamentos paulistas.** São Paulo : Edusp, 1995.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **Evolução política do Brasil e outros estudos.** 9 ed. São Paulo. Brasiliense, 1975.
- _____. **Formação do Brasil Contemporâneo.** São Paulo, Brasiliense, 2004.
- _____. **História econômica do Brasil,** São Paulo, Brasiliense, 2004.
- PREZIA, Benedito A. **Os indígenas do planalto paulista nas crônicas quinhentistas e seiscentistas.** São Paulo, Humanitas, 2000.
- REIS, Paulo Pereira dos. **O indígena do Vale do Paraíba: apontamentos históricos para o estudo dos indígenas do Vale do Paraíba Paulista e regiões circunvizinhas.** São Paulo, Governo do Estado, 1979.
- SAMPAIO, Theodoro. São Paulo de Piratininga no fim do século XVI. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, v.4, p.257-278, 1899.

Recebido em 13 de julho de 2012
Aprovado em 13 de novembro de 2012